

Leandro

A vida de Caucais de Fogo.

A Vida de Cancão de Fogo

~~~~~

Leitor, se não te enfadas  
Desta minha narração,  
Lê á vida deste ente,  
Presta-lhe bem attenção,  
Que foi o quengo mais fino  
Desta nossa geração.

Pois logo dêsde criança  
Elle sabia illudir,  
Estradeiro muito velho  
Não o poudê competir,  
Cancão nunca armou um laço  
Que alguém podesse sahir.

As quengadas mais difficeis  
Elle a todas executou,  
Dos calculos que elle fazia  
Nunca ninguém se livrou;  
Padre, soldado e cigan,o  
Perderam e elle ganhou.

Cigano que no Egypto  
O temiam como ao lobo,  
Entre todos os ladrões

*Jose*

Era professor do roubo;  
Chegou aqui do Brazil  
O Cancão fez delle um bôbo.

Até na hora da morte  
O Cancão caloteou,  
Com o testamento delle  
Inda um Juiz se enrascou  
E o escrivão recebeu  
Um processo que tomou.

Na vida delle houve um caso  
Que fez chamar attenção;  
Muita gente talvez pense  
Que seja exageração:  
Foi um ladrão roubar elle,  
Elle roubou o ladrão.

Adiante o leitor verá  
O que foi que aconteceu  
Uma vez que elle foi prezo,  
Depois o caso em que deu,  
Até mesmo o delegadô  
Uma quengada soffreu.

Pois elle como criança  
Tinha um geito damnado,  
Estradeiro muito antigo  
Nunca tirou resultado,  
Porque mesmo até cigano  
Veio e ficou enrascado.

Elle em conversa dizia:  
«O homem é uma balisa,  
A tarra é um aparelho  
Que tudo d'elle precisa,  
Meu paiz e este mundo,  
Minha casa é a camisa.

Negocio serio é perdido,  
Penna faz criar canhão,  
Honra de mais é orgulho,  
Preguiça faz precisão:  
Meu pae é quem quer que seja,  
O dinheiro é meu patrão.

Tanto faz nascer um hoje  
Como outro amanhã morrer,  
Pios a morte é uma herança  
E a vida é um dever,  
O trabalho é uma sentença  
Onde o homem ha de soffrer.

Quem se veixa come cru,  
Quem espera caça esp'rança,  
Quem falla as vezes é ouvido,  
Quem dorme sempre descansa,  
A fortuna é como a neve,  
A sorte é como a balança.

Pai e mãe é muito bom,  
Farriga cheia é melhor,  
A molestia é muito ruim,

A morte é muito peor.  
O poder de Deus é grande  
Porem o matto é maior».

Era o que Cancão dizia  
Quando alguém o aconselhava.  
Dizia elle que o bem  
Para aprender se custava.  
O mal não precisa mestre;  
O tempo mesmo ensinava.

Agora, leitor voltemos  
Ao principio de Cancão,  
Descrever os seus signaes,  
Costumes e criação,  
Para podermos entrar  
Em sua apreciação.

Cancão era um apellido  
Que os irmãos lhe puseram,  
Pelas suas travessuras  
Este apellido lhe deram,  
Por elle nunca querer  
O que os parentes quizeram.

Elle era um branco moreno  
Dos olhos agateados,  
O rosto um pouco comprido,  
Os cabellos estirados  
Não eram pretos nem louros,  
Eram quasi agateados.

O corpo muito franzino,  
Muita pouco elle comia,  
Vivia sempre pensando,  
De noite pouco dormia,  
Não confiava em ninguem  
E nem contava o que via.

No quengo é que não se pode  
Dar certa uma descripção,  
Só posso classifical-o  
Como grande aberração,  
Um caso extraordinario,  
Enfeites da criação.

Porque admira a todos  
Este ente se criar  
E enganar todo mundo  
E ninguem o enganar!  
Nunca achou um estradeirõ  
Que o podesse enrascar.

Roubar objecto algum,  
Isso não, nunca roubou,  
Mas em negocio com elle  
Nunca ninguem se salvou,  
Desde a egreja á justiça  
Tudo isso se queixou.

O pae de Cancão de Fogo  
Foi em homem preparado,  
De muito boa familia

Tradalhador e honrado,  
Mas a sorte neste mundo  
Dê e tira qual um dado.

Por isso Cancão um dia  
Estando em discussão,  
Disse a um irmão da mãe delle:  
Nada vale a distincção,  
A vantagem do fiel  
E' a mesma do ladrão.

Tinha elle quasi dez annos  
E fazia juizo assim:  
Paulo morreu por ser bom,  
Pedro escapou por ser ruim,  
Bom e mau, bonito e feio,  
Tudo tem o mesmo fim.

Cancão tinha 7 annos  
Quando andou perto da morte:  
Foi saltar num rio cheio  
P'ra ver se já era forte,  
Dessa vez quasi a desgraça  
Fez elle mudar de sorte.

O Cancão já se afogando  
Estava muito veixado,  
Quando passou um cavallo  
Na cheia, morto afogado;  
Elle agarrou-se no bruto  
E disse: estou embarcado.

Cancão sahio no cavallo  
Com as pernas a remar,  
Tocando numa barreira  
Poude logo se salvar,  
Dizendo: é hom o cavallo  
Que faz o dono escapar.

Os irmãos bateram palma  
Quando viram elle cahir,  
Disseram em casa: nós vimos  
O Cancão se consumir,  
Afogou-se nesse instante,  
Podemos nos divertir.

A propria mãe de Cancão  
Não deu signal de sentida;  
Quando acabou de ouvir  
A desgraça acontecida,  
Disse: elle não prestava  
E só perdeu sua vida.

A familia avaliava  
Elle não ter escapado,  
Os irmãos todos diziam:  
Foi muito bem empregado,  
A mais tempo, que o diabo  
Podia o ter carregado.

Quando elle entrou em casa  
Poz tudo surprehendido,  
Principalmente os que viram



Quando elle tinha cahido;  
Já estava espalhada a nova  
Que Cancão tinha morrido:

A<sup>ra</sup> mãe d'elle perguntou-lhe:  
—A morte então não te quiz?  
—Quem não quiz, disse Cancão.  
Foi o esforço que eu fiz;  
Graças a um cavallo morto  
Hoje me julgo feliz

Tinha já Cancão de Fogo  
Nove ou dez annos de idade.  
Quando o pai d'elle morreu  
Dexiando-o em necessidade;  
Cancão quando soube disse:  
—Isso não é novidade.

—Minha mãe está sem marido,  
Por isso não vae chorar,  
Eu tambem fiquei sem pae  
Porem sempre hei de passar,  
Ella pode achar marido  
Pae é que eu não posso achar.

Eu digo como o macaco  
Quando a mãe d'elle morreu,  
Foram dar parte a elle  
E elle então respondeu:  
Ella tambem era velha,  
Antes ella do que eu ...

A mãe de Cancão de Fogo  
Dedicou-se a trabalhar.  
Cancão de Fogo não quiz  
A nada se sujeitar;  
Dizia:—não tenho filhos,  
Não vou<sup>o</sup> me sacrificar.

Agora, para a viagem  
Ou outro qualquer mandado,  
Se achava de promptidão,  
Não se mostrava enfadado;  
Ninguem conseguia delle  
Era serviço pesado.

Em casa todos queriam  
Ver o Cancão se acabar.  
E elle dizia zombando:  
—Podem todos me odiar,  
Amor não enche barriga,  
Odio não faz empachar.

Minha mãe acha que fez  
Favor ter me concebido,  
Eu sim, que fiz-lhe um favor,  
Livrei-a de ter morrido;  
E o que seria della  
Se eu não tivesse nascido?!

Se ella me deu de mamar,  
Que eu não sei, ella<sup>é</sup> quem diz,  
Eu não lhe pedi o peito,

Se me o deu foi porque quiz  
Em eu lhe vazar os seios  
Foi um favor que lhe fiz.

Um dia disse a mãe d'elle°  
"Eu não tenho o que almoçar,"  
Ahi respondeu Cancão:  
"E' facil de se arrumar,  
O mundo é uma dispensa  
Tem tudo o que procurar."

Então a mãe d'elle disse-lhe:  
—Só se for comprar fiado.  
"Eu morro porem não compro,  
Deus está vendo meu estado,  
Meu pai morreu sem dever  
Conservando o nome honrado."

Disse Cancão: Essa honra  
Não passa de palhaçada,  
Porque o capitalista  
Não olha a gente honrada,  
Leve honra a uma venda  
E veja se compra nada...

Disse a velha: Não puxaste  
Ao teu pai que foi honrado.  
Disse Cancão: Deus me livre  
Eu ter a elle puxado,  
Se eu fosse como elle era  
Ha muito estava enfierrado.

Ella chorando não poude  
Pronunciar mais um nome.  
O Cancão de Fogo disse:  
—Minha mãe, seu mal é fome,  
Espere ahi mais um pouco  
Que nesta casa se come.

Sahiu e encontrou um velho  
No meio da praça perdido,  
O velho era sertanejo  
No lugar desconhecido,  
Não sabia de um hotel,  
Onde fosse garantido.

O velho muito usurario  
Não queria se arranchar  
Em qualquer hotel decente  
Só com medo de pagar,  
Dava preferemcia a um rancho  
Somente afim de poupar.

Disse-lhe o Cancão de Fogo:  
"Vossa Mercê esta perdido,  
Me pague que eu vou botal-o  
Onde será garantido,  
Foi o hotel que já vi  
De preço mais resumido.

Eu vou contar ao Snr.  
Eu leivei lá um freguez  
Era um mez que ia passar

E elle passou logo trez;  
Quer saber quanto pagou?  
Dez tostões por cada mez.

Se me dá cinco mil reis  
Se julgue logo arranchado,  
A despesa é a que eu disse,  
Lá não tem preço alterado,  
Leve os contos que quizer,  
Que lá ninguém é roubado.”

O velho disse comsigo:  
Esse, sim, vae me servir;  
E' atraz desse que ando  
Para comer e dormir:  
Só gastarei seis mil reis  
Daqui até eu sahir.

E sahiu com Cancão  
Pela rua a conversar,  
Chegando em uma casa  
Disse: é alli, pode entrar,  
De-me o dinheiro que volto  
Ver outro p'ra se arranchar.

O velho deu o dinheiro  
O Cancão sahiu damnado,  
Não procurou mais ninguém,  
Foi logo para o mercado.  
Dizendo com seus botões:  
Eu hoje como deitado.

Gastou os cinco mil reis,  
Não ficou com um vintem;  
Chegou em casa com tudo  
E disse á mãe: ahi tem,  
Pode cuidar no almoço,  
Por hoje passamos bem.

A velha olhou para elle  
Com a cara bastante feia,  
Perguntou: Fostes comprar  
Fiado na venda alheia?  
Disse Cancão: foi um frete  
Que levei para a cadeia.

E contou o que tinha feito.  
A velha o quiz castigar  
Dizendo-lhe: és um malvado,  
Por isto tens de apanhar,  
Disse elle: e é com isto,  
Que minha mãe vem me pagar?

A velha ahi exclamou:  
O' bruto amaldiçoado,  
Alem de seres ladrão,  
E's de mais até malvado,  
Pois não só roubaste o velho,  
Como o deixaste enrascado.

Lançando mão de uma vara  
Atacou ella em Cancão.  
Elle se valeu das pernas

Dizendo: com pau, isso não...  
Eu não hei de ser fiel  
Obrigado a ser ladrão.

E sahio comô uma flecha  
Dizendo: pode ficar,  
O que eu fiz, fiz muito bem  
Não acho assim ser furtar,  
Peia como eu já levei,  
Não posso mais suportar.

A mãe de canção mais tarde  
Quasi teve congestão  
Quando soube que o velho  
Era um seu legitimo irmão,  
Que contou-lhe todo o quengo  
Que praticou o Cancão.

Disse o velho: Entrei na casa  
Pensando que era hotel,  
Então logo qaundo entrei  
Conheci que era o quartel,  
E vieram ao meu encontro  
O cabo e o furriel,

O furriel perguntou-lhe;  
O Sr. vem se entregar?  
E' sem duvida um criminoso  
Qua vem ao jury se livrar?  
Ficou o velho de tal forma  
Que nem podia fallar.

Disse o velho ao furriel:  
— Meu amigo, eu venho perdido,  
Deparei com um ladrão  
Pelo qual fui illudido,  
Mandando-me para aqui  
Se fazendo meu conhecido.

Então disse o furriel:  
Não precisa se veixar,  
Só pode sahir daqui,  
Quanso o tenente chegar.  
Pois elle é o delegado,  
Vai primeiro o interrogar.

” Diabo! ( exclamou o velho, )  
Malvado infame e ladrão!  
Ganhar meus cinco mil reis  
E fazer-me esta traição!  
Receber o meu dinheiro  
E me deixar na prizão!

Escommungado! ladrão!  
Traioeiro e desgraçado!...  
Disse-lhe o cabo se sente,  
Não precisa ter cuidado,  
Que o sr. só sai daqui  
Com a ordem do delegado.

Quando se desenrascou  
Depois de muito massado,  
Disse elle á mãe de Cancão:



Um dia serei vingado,  
Socegue seu coração,  
Não precisa ter cuidado.

Tendo isso acontecido  
No centro da Capital,  
O Cancão de Fogo disse  
Se eu ficar aqui vou mal,  
Melhor é correr o mundo  
Sem gastar o principal.

E largou-se pelo mundo  
Sem direcção nem destino,  
Indo parar em Goyanna;  
Embora que pequenino  
Lá procurou uma casa  
Que se empregasse menino.

Nessa viagem que fez  
Do Recife p'ra Goyanna,  
Quando passou num pertido  
Entrou, chupou uma canna  
E disse: nestas condições  
Eu viajo um semana.

Empregou-se numa casa  
Para vender taboleiro  
A doze mil reis por mez  
Disse elle: bom dinheiro,  
Isso é quasi um ordenado  
De guarda-livro ou caixeiro.

Dos serviços de Cancão  
Tudo na casa gostava ;  
Muito fiel e esperta,  
Aquillo não se encostava,  
E do taboleiro delle  
Um bolo não se roubava.

Ao cabo de sete mezes  
O Cancão tinha juntado  
Setenta e quatro mil reis ;  
Quasi todo o ordenado  
O dinheiro que ganhou  
O tinha todo guardado.

Um dia, disse comsigo :  
Minha mãe tem precisão,  
Talvez já não tenha roupa  
E até lhe falte o pão  
Vou mandar-lhe este dinheira,  
Ella me agradeça ou não.

Mandou-o pelo correio,  
Mandou dizer onde estava  
E o emprego que tinha  
A quentia que ganhava,  
Então mandou lhe dizer  
Que todo mez lhe mandava.

Assim mesmo pelo velha  
Tudo tinha se arrumado.  
Ella pensou que Cancão

Tivesse até melhorado,  
Mas o tio quando soube  
Ficou como um cão damnado.

E era irmão da mãe d'elle,  
Essa fera inconsciente,  
Só odia Cancão  
Por ser elle intelligent<sup>o</sup>,  
E os filhos desse monstro  
Brutos, desgraçadamente.

Havia alli um mulato,  
Chamado José Vaqueiro,  
Um individuo ladrão  
Cobarde e alcoviteiro;  
Jurava o que nunca via  
Por diminuto dinheiro.

Esse tendo feito um roubo,  
O Cancão de Fogo viu,  
E foi logo ao delegado,  
E o roubo descobriu,  
Por isso o cabra foi preso  
E um sentença cumprio.

O tio de Cancão de Fogo  
Julgou ir muito acertado,  
Mandar por José Vaqueiro  
Ver o Cancão escoltado<sup>o</sup>  
Dizendo com os seus botões;  
Elle chega desgraçado,

Chamou o vaqueiro edisse:  
Dou-lhe parte de uma historia,  
Vá ver Cancão em Goyanna;  
Está aqui a precatória  
Elle já lhe deve uma  
Tem mais você essa gloria.

A precatória que vai,  
Foi feita por escrivão,  
O delegado assignou  
O mandado de prisão  
A denuncia vai provando  
Que o menino é ladrão.

Elle descobriu o seu roubo,  
Você pode se vingar,  
Elle fez você ser preso,  
E custar a se soltar  
Essa occasião é propria  
Para você se vingar.

O individuo suhin  
Como uma féra tranno,  
Levou chuva no caminho  
Poz-se a tomar muita canna;  
Foi cahir embriagado  
Num dos ranchos de Goyanna

O Cancão ia passando  
E achou elle deitado,  
Disse ahi dentro de si.;

Este cabra vem damnado,  
O carcereiro amanhã  
Tem de mais esse apurado.

Meteu-lhe a mão na algibeira  
E achou a precatória :  
Era um protocolo enorme,  
Era uma medonha historia,  
Disse Cancão : eu te arranjo  
Um baile de palmatoria.

Aonde Cancão dormia  
Tinha chaves enferrujadas  
De portias de armazens velhos  
Por ali depositadas ;  
Cancão limpou-as dizendo :  
Hoje são aproveitadas.

Voltou e achou o cabra  
Inda na mesma sonneira  
Cancão tomou-lhe chegada,  
Poz a mão muito maneira ;  
Trazia as chaves num molho  
Botou-lhe numa algibeira.

Sahiu no mesmo momento,  
Foi dizer ao delegado :  
Vi no rancho de tal parte  
Um individuo deitado  
E' ladrão e assassino  
E rez vezes processado,

Anda com chaves que abrem  
Qualquer porta de armazem,  
E na casa que elle vai  
Não deixa nella um vintem  
Se não o prenderem logo  
Não escapará ninguém.

Então foram la ao rancho  
Inda estava elle deitado  
Cinco chaves na algibeira  
Foram vistas por um soldado.  
«O individuo é ladrão»  
Disse a praça ao delegado.

O individuo accordou  
Já debaixo do facão;  
Fallava porem alli  
Ninguém lhe dava attenção  
Elle alli calculou logo  
Ser cilada de Cancão.

Dahi a sessenta dias  
Foi que veio justificar,  
Levou sessenta e tres surras  
Quasi morre de apauhar  
Por um milagre de Deus  
Ainda pode voltar.

O Cancão disse consigo:  
Eu aqui sou descorberto  
Pedir as contas e sahir

Esse é o plano mais certo;  
Eu não quero que a policia  
Me acho de corpo aberto.

Devido Jose Vaqueiro  
Ter caído na prisão  
O commercio de Goyanna  
Fez um presente ao Cancão:  
Deu-lhe duzentos mil réis  
Como gratificação.

Cancão antes de sahir  
Fez duas cartas primeiro  
Uma foi para a mãe d'elle  
Mandando-lhe mais dinheiro  
Outra ao tio dando lembrança  
Que mandava Zé Vaqueiro.

Disse na carta do tio:  
O seu mordomo excellente  
Eu apresentei-o aqui  
Ao delegado somente  
Foi para a casa da Camara  
Seguido por muita gente.

Está na casa do governo  
La tem honra de sultão.  
Soldados alli na porta  
A' sua disposição,  
Se o senhor tivesse vindo  
Era mais satisfação.

Cancão pediu ao patrão  
Licença de uma semana  
P'ra visitar a mãe d'elle,  
Que estava em Itabayanna,  
Dizendo: ella não pode  
Vir a pé até Goyanna.

O patrão alli pagou-ihe  
O resto do ordenado;  
Disse Cancão: eu agora  
Quero tomar mais cuidado,  
Dormir pouco e andar mais,  
Viver bem acautelado.

O tio de Cancão de Fogo  
Veio cá pessoalmente  
E provou com documentos  
Que a prisão foi innocente,  
Foram procurar Cancão,  
A um mez que estava ausente.

O tio de Cancão de Fogo  
Disse ao tal José Vaqueiro:  
Você siga daqui mesmo  
Atraz daquelle estradeiro.  
Disse o cabra: Eu não vou lá  
Inda por todo dinheiro.

Quem soffreu o que soffri  
Vai mais atraz de Cancão?  
No meu lombo, não tem lixa



Para limpar-se facão,  
Os dois mezes de cadeia  
Me serviram de lição.

Eu fui que quasi que morro  
Com facão e palmatoria,  
Os tormentos que eu passei  
Me ficaram na memoria,  
Garanto que seu sobrinho  
Foi quem ganhou na historia.

Cancão embolsou o cobre,  
Disse: vou dar um passeio.  
O mundo é molle, eu sou duro  
E furo-o de meio a meio:  
Agora vou ao Recife,  
Vou ver se é bonito ou feio.

Cancão sahiu de Goyanna  
Antes de dar meio dia,  
Chegou no Iguarassù  
Ao tocar Ave Maria,  
Não quizeram dar-ihe arrancho  
Pois ninguem o conhecia

A policia o encontrou,  
Perguntou-lhe donde vinha.  
Disse elle: venho de casa  
De minha avó e madrinha.  
Disse o sub-delegado:  
Você vai para a Marinha,

O Cancão dentro de si  
Ficou bastante agitado,  
Mas se mostrasse recusa  
la dormir amarrado.  
Disse consigo: eu arrumo  
Este sub-delegado.

O tal sub-delegado  
Era um alferes ambulante,  
Sujeito mettido a bom  
Porem muito ignorante,  
O Cancão disse consigo:  
Este aqui cae num instante.

Disse Cancão: senhor tenente,  
Era atraz disso que eu vinha,  
Porque até quando durmo  
So sonho é com a Marinha,  
Por isso já dei desgosto  
A' minha avó e madrinha.

O senhor faz uma carta  
A quem eu hei de fallar,  
Me ensina a rua onde é,  
Que será facil achar.  
Disse o alferes; eu mando  
Um soldado lhe levar.

—Inda é melhor para mim,  
(Disse contente o Cancão)  
Peço á vossa senhoria

Para me dar um cartão,  
Porque me arrumarei bem  
Com a sua protecção.

Foi Cancão para o quartel  
Mas não se deu por achado,  
No dito quartel dormia  
O tal subdelegado;  
Por furtuna nessa noite  
Da força tinha um soldado.

O alferes confiado  
Que alli estava garantido,  
Armou a rede e deitou-se  
De toda roupa despido,  
Roncava quo só um porco,  
Estava do mundo esquecido.

O soldado na tarimba  
Da mesma forma dormiu;  
O Cancão disse comsigo  
«Este somno me serviu.»  
Tirou a roupa de todos,  
Abriu a porta e sahiu.

Carregou as duas blusas  
Do alferes e do soldado,  
Calça, camisa e ceroula  
Tudo isto foi levado,  
Só ficou com o relógio:  
O mais botou no vallado.

A's seis horas da manhã  
Encontrou elle um menino,  
Um desses que vem ao mundo  
Por capricho do destino;  
E' ao principio da vida  
Triste como a voz do sino.

Cancão perguntou a elle:  
Que tens tu, que vaes chorando ?  
Já vão te doendo os pés  
E te vejo suspirando ?  
Respondeu elle: eu devia  
Só viver me lastimando.

Fui um menino engeitado,  
Fui logo triste ao nascer,  
Que nem uma ave nocturna  
Tão triste não pode ser,  
Eu sou igual ao deserto  
Onde ninguem quer viver.

Esse homem que me cria  
Me maltrata em tal altura,  
Que nem um preso no carcere  
Soffrerá tanta amargura,  
Não foi Deus, é impossivel,  
Que me deu tal desventura.

—E para onde é que vaes ?  
O Cancão lhe perguntou,  
—Eu vcu d'aquí a dez leguas,

Que elle hoje me mandou,  
E não me deu um vintem!  
Veja em que condições vou!

—Queres fazer como eu?  
Já ficarás descansado.  
E teu pae de criação  
Talvez nem tenha cuidado  
Pois só se tem prejuizo  
Se o objecto é comprado.

Eu tambem sou como tú,  
Só não fui foi engeitado,  
Mas até por minha mãe  
Eu sou bastante odiado,  
Porem este mundo é grande,  
Eu hei de viver folgado.

Como se chama você?  
Respondeu: chamo-me Alfredo.  
—E eu sou Cincão de Fogo,  
Meu nome digo sem medo,  
Tendo precisão eu nego  
Porque em tudo ha segredo.

Quer ir commigo, acompanha-me,  
Faço-lhe observação:  
Não ha de insultar ningem,  
E nem ha de ser ladrão.  
Ser esperto nos negocios  
Isto é uma obrigação.

Sõ furtará uma cousa  
Estando necessitado,  
Se não quizerem the dar  
Tem um direito sagrado,  
Ahi se rouba até Deus  
Se achar elle descuidado.

Se um ladrão vir nos roubar  
Devemos procurar geito  
De roubar primeiro elle,  
Porem rouba-o direito,  
Que depois delle roubado  
Todos digam: foi bem feito.

Disse o Alfredo: pois vamos,  
Porem eu quero saber:  
Nós ainda tão pequenos  
De que podemos viver?  
Disse o Cancão: ora essa,  
Vivemos do que comer,

Agora vamos saber  
Como o alferes ficou,  
A's 7 horas do dia  
Foi quando se levantou.  
Gritou: accorda, soldado,  
O menino me roubou.

O soldado deu um grito  
Que o alferes se assustou  
E perguntou: o que foi?

O soldado suspirou  
E disse: tudo que eu tinha  
Aquelle inteliz me roubou

—Que faço disse o alferes,  
Nusinho sem poder sahir!  
Se o governo souber disto  
Pode até me demitir,  
Só não dizerto hoje mesmo  
Por não ter o que vestir.

A's 4 horas da tarde  
Inda elle estava despido  
E o chefe de policia  
Já tinha disso sabido,  
Mandou ver preso o alferes:  
Que foi logo demittido.

Cancão chegou ao Recife  
Scismando do que houve lá  
Soube que ia um vapor  
Com destino ao Pará,  
Disse em voz baixa a Alfredo:  
Vamos até ao Ceará.

Entremos, que ningem veja.  
Chegando a occasião  
Que nos achem sem passagem,  
Você diz que é meu irmão;  
O resto é por minha conta,  
Eu desenrolo a questão

Entraram pelo rebordo  
Sem a ninguém dizer nada,  
Já perto do Ceará  
Foram então fazer chamada  
O Cancão disse a Alfredo:  
Não conte historia furada.

Perguntou o commissario:  
Meninos vocês quem são ?  
—Nós somos dois passageiros  
Respondeu serio o Cancão.  
—Passageiro sem bilhete ?  
Para onde vocês vão ?

—Papae comprou as passagens  
E mandou nos trazer cá,  
—Em qual vepor mandou elle ?  
Diz Cancão rio «Ceará»  
Elle mora no Recife  
Mamãe mora no Pará.

—Este vapor é «O!inda»  
O Ceará la ficou.  
Cancão exclamou de forma  
Que o commissario chorou;  
Disse: maninho nossa roupa !  
Ah ! meu Deus que lá ficou !

Perguntou o commandante :  
Menino seu pai quem é ?  
Disse Cancão: é fiscal



No Recife em São José  
Minha mãe é professora  
E se chama Salomé

Perguntou o commandante:  
Como o sr. é chamado?  
O Cancão de Fogo disse:  
O meu nome é Romualdo.  
—O nome de seu irmão?  
Disse o irmão: é Reynaldo.

Então disse o commandante:  
Quando chegar a Belém  
Mando chamar sua mãe  
E o delegado também  
Lá é que posso saber  
O erro de onde vem.

O commandante fiado  
Que elles eram do Pará  
Não os privou que saltassem  
No porto do Ceará  
O Cancão disse consigo:  
Um burro é quem volta lá.

Naquelle mesmo vapor  
A precatoria seguiu  
Denunciando Cancão  
Quando no quartel dormiu,  
Porem ia no Correio,  
O commandante não viu.

Saltaram no Ceará,  
Cancão ia descuidado  
E passou casualmente  
Na porta do delegado.  
Este disse : esteja preso,  
Você foi denunciado.

Você é Cancão de Fogo  
Da Parahyba do Norte,  
Você lá só falta ser  
Cumplice em crime de morte.  
Cancão sorriu e lhe disse :  
Meu senhor, só sendo sorte !

—Sorte porque? perguntou  
O homem impressionado.  
Disse Cancão : já alli  
Por um sub-delegado  
Nós dois já não fomos presos  
Por papae ser empregado.

E você tem pae aqui ?  
Diz Cancão : tenho acolá.  
Disse o delegado : então  
Chame seu irmão e vá,  
Diga a seu pae que eu o chamo  
E seu irmão fique lá.

Então disse o delegado :  
Espere um pouquinho ahi,  
Deu a bengala ao Cancão

E disse: leve isso alli,  
Diga ao sub-delegado  
Que traga seu pae aqui.

O Cancão sahio sorrindo  
E disse: estou arrumado,  
Chegou onde estava o moço  
Deu-lhe o seguinte recado:  
Está aqui esta bengala  
Que mandou-lhe o delegado.

Elle me ordena que eu  
Diga á vossa senhoria  
Que lhe mande cem mil reis  
Que elle já lhe apparecia  
E mandou esta bengala  
Que o senhor conhecia.

O moço deu-lhe o dinheiro—  
Cancão de Fogo voltou.  
Disse Alfredo: eu agora  
Vou pensar por onde vou  
A bomba demora pouco  
Se ainda não estourou.

Saiamos da capital  
Ganhemos a capoeira  
Não havemos de passar  
Em lugar que tenho felra  
Perder cem mil reis assim  
Não é boa brincadeira.

E voltou com a bengala  
Que tinha lindos aneis  
Disse Cancão: isto aqui  
Val quatro centos mil reis.  
Porem não me custou nada  
Eu a vendo até por dez.

Quando o delegado soube  
Disso que tinha se dado  
E que a bengala delle  
Cancão a tinha levado  
Da raiva que teve alli  
Quasi morre asphixiado.

Dava duzentos mil reis  
A quem trouxesse Cancão  
Dava o valor da bengala  
Como gratificação  
Chorava que só criança  
E rolava pelo chão.

Disse Cancão: procuremos  
Um matto muito fechado  
Então só devemos ir  
Para perto de um roçado,  
Onde tenho milho verde  
Que á noite coma-se assado.

As maximas do Cancão  
Tíham o que se observar,  
Porque o Cancão dizia:

—Nada faz admirar.  
A vida é assim como a sombra,  
—Nada temos que extranhar.

—Em «busão» e bruxaria  
Nem acredito nem nego,  
—Só creio naquillo que vejo  
—Ou quando examino e pego.  
—Prece para quem morreu,  
E' como luz para cego.

O diploma é um papel  
Que só tem nelle pomada.  
—Patente sem rendimento  
E' uma lampada furada,  
—Coragem é uma esperança.  
—A morte é hora minguada.

Nesse tempo o Ceará  
Estava quasi se acabando,  
Com variola e febre preta  
Tudo estava se arrasando,  
E Cancão de Fogo dizia:  
A coisa vae melhorando.

Daqui para o fim do mez  
Se a febre continuar  
E a fome ficar de forma,  
Que ninguem possa passar,  
Eu descobrirei um meio  
Com que temos que enricar.

O Alfredo tinha um geito  
Para os olhos revirar  
Que representava um cego,  
Que fazia se jurar,  
Até um medico oculista  
Era facil se enganar.

E dava um geito na bocca  
Que parecia aleijado.  
O Cancão de Fogo disse :  
Agora tenha cuidado,  
Você vae para a cidade  
Para ver o que é passado.

Alfredo foi á cidade,  
Lá viu todos movimentos,  
Parecia um aleijado  
E cego dos mais nojentos,  
Soube de tudo que havia,  
Trouxe trez mil e duzentos.

O Cancão disse a Alfredo :  
Amanhã vá preparado.  
Conve-se com o Vigario  
Mas assim como aleijado,  
Pregue-lhe uma das minhas  
E peça-lhe um attestado.

Você diz-lhe : senhor vigario,  
Eu venho lhe consultar,  
Minha mãe antes da morte

Me pediu para pagar  
Um promessa que fez  
Para um santo festejar.

Pedir pelo mundo esmola  
Exposto a todo rigor,  
Para São Sebastião,  
E entregar ao senhor,  
Vosmece não estando aqui  
Eu desse a qualquer pastor.

Se elle der-lhe attestado  
Já ve que ahi não ha nada,  
Voce peça uma corôa  
E a toalha emprestada,  
Nós com esses documentos  
Faremos boa jornada.

O Alfredo arrumou tudo  
Quanto o Cancão esperava,  
Disse o vigario comsigo :  
Atraz de ti eu andava ,  
Um conto de reis de esmola  
O vigario progetava.

Então deu-lhe um attestado  
Escripto com perfeição,  
Com carimbo da igreja  
Feito por tabelião,  
De forma que só quem estava  
De accordo com o Cancão.

Mandou fazer-lhe trez fatos  
De luto para elle andar,  
E lhe disse: das esmolas  
Você não pode tirar,  
Um vintem dellas não tire  
Sob pena de peccar.

Quando o Alberto chegou  
Cancão ficou satisfeito,  
Deu-lhe um abraço dizendo:  
És um menino direito,  
Presta attenção aos mandados  
—O que se faz é bem feito.

A' meia noite sahiram.  
Quando o dia amanheceu  
Disse Cancão: neste mundo  
Não ha mestre como eu,  
E nem o diabo pode  
Escapar de um laço meu.

Com seis dias de viagem  
Começaram a esmolar.  
Cancão aonde pedia  
Fazia gente chorar,  
A fim de dar-lhe uma esmola  
Era capaz de um furtar.

A graça era quando elles  
Chegavam num povoado,  
O Cancão com uma corôa



Ja pedindo por um lado,  
Então Alfredo pedia  
Como cego e aleijado.

No Ceará não ficou,  
Uma só povoação  
Que essa não fosse explorada  
Por Alfredo e por Cancão,  
E nunca chegou o dia  
Que gastassem um só tostão.

Ao cabo de quatro mezes  
Já o vigario, scismado,  
Foi aonde Alfredo disse  
Que tinha sido criado.  
Lhe disseram que elle alli  
Tempo algum tinha morado.

Um dia Cancão de Fogo  
Consultou ao companheiro  
Disendo: somos felizes,  
Temos bastante dinheiro,  
Já temos mais de trez contos:  
Vamos ao Rio de Janeiro.

E seguiram para o Rio  
Como Cancão calculou,  
Depois de oito ou dez dias  
A precatoria chegou,  
Nem noticias do Cancão  
A auctoridade achou.

Todos dois estavam no Crato  
Cancão disse ao companheiro:  
Sahiremos de madrugada,  
Não se passa em Joazeiro;  
E iremos directamente  
Para ao Rio de Janeiro.

Atravessaram Pernambuco,  
Entraram pela Bahia,  
Dez, doze e quatorze leguas  
Tiravam elles por dia,  
Vendo a hora e o instante  
Que uma onça os comia.

Já no Estado do Rio  
Um dia deram uma errada,  
Dormiram n'uma fazenda,  
Sahiram de madrugada,  
Deixaram o caminho certo,  
Seguiram por outra estrada.

E andando todo dia  
Não viram uma só morada,  
Tinham sahido do rancho  
A' uma hora da madrugada,  
Agua achavam que bebiam  
Porem o que comer, nada.

A' noite fizeram fogo.  
Um velava, outro dormia.  
A onça rosnava perto.

Cancão de Fogo dizia:  
Está com frio, aqui tem fogo,  
Se está só, tem companhia.

A's seis hora da manhã  
Se levantaram e seguiram.  
Eram trez horas da tarde  
Quando uma casa elles viram.  
Cheiro de uma feijoadá,  
Chegando perto sentiram.

Era um logar esquisito;  
Somente uma casa havia.  
Uma crioula acolá  
Com quatro filhos vivia.  
Dalli até doze leguas  
Não tinha uma moradia.

A crioula cosinhava  
Era fora, no oitão,  
Elles viram uma panella  
Que cosinhava feijão.  
A crioula pisava milho,  
Estavam fazendo um pão.

Cancão de Fogo chegou,  
Comprimentou-a contente;  
A negra cravou-lhe os olhos  
Que parecia serpente,  
O Cancão disse consigo:  
Eu pensava diferente.

O Cancão de Fogo disse:  
Não podemos mais andar,  
Vossa excellencia me arranje  
O que se possa jantar,  
Temos dinheiro e pagamos  
O que a senhora cobrar.

A negra olhou e lhe disse:  
Já por alli vagabundo!  
Gente brânca para mim  
É a peor deste mundo.  
Você pode se damnar,  
E morrer com os olhos fundo.

A negra chamou um filho;  
Disse: João, venha cá  
Vá na baixa do capim  
E mude a cabra de lá,  
E volte com muita pressa,  
Preciso de você cá.

Disse a Cancão e ao outro:  
Vocês vão logo sahindo,  
Tem aqui um filho meu  
Que mata gente sorrindo.  
Elles sahiram voltando  
Por onde já tinham vindo:

O Cancão de Fogo disse:  
Nós havemos de voltar  
Para não darmos motivo

A negra desconfiar,  
Se elle vir pôr onde vamos  
É facil de nos achar,

Disse Cancão a Alfredo:  
Para poder conseguir  
Roubar aquella panella,  
É preciso você ir . . .  
Se esconder perto da casa  
Até a negra sahir.

Eu pego aquelle moleque  
E vou com elle a madeira,  
A negra ha de vir a mim  
E você não faça asneira,  
Pegue a panella com tudo  
E saia em grande carreira.

Antes da negra chegar  
A minha carreira é feia,  
Procure a estrada em frente,  
Espere-me com legua e meia,  
E procure logo um matto  
Aonde se faça a ceia.

Cancão pegou o moleque,  
Deitou-lhe um cipó no lombo,  
A negra partiu damnada.  
Com um bacamarte no hombro,  
Cancão soltou o moleque,  
Disse: com chumbo eu não zombo.

A negra ainda atirou-lhe  
Mas o tiro não pegou,  
Ficou damnada de raiva  
E mais damnada ficou  
Depois que chegou em casa  
E a panella não achou

O Cancão chegou adiante,  
Voltou por dentro do matto  
Dizendo com seus botões:  
Quem morre de fome é pato,  
Quem trabalha Deus ajuda,  
O pão é muito barato.

Cancão de Fogo sahiu  
Correndo sem dizer nada,  
la por dentro do matto  
Beirando sempre a estrada;  
Onde encontrou o Alfredo  
Já estava a ceia botada.

Era teijão mulatinho  
Com assada de carneiro,  
Cancão acabou e disse:  
Já vi hotel barateiro!  
Enche-se bem a barriga  
E não se gasta dinheiro...

Os programas do Cancão  
Tinham o que se apreciar,  
Porque o Cancão dizia :

Nada faz-me admirar,  
Aquelle que sorri hoje  
Amanhã pode chorar.

Bem só pode estar o sol,  
Porque ninguem o alcança,  
Haja no mundo o que houver  
O sol lá nem se balança;  
Emquanto a fortuna dorme  
A desgraça não descança.

Pae e mãe é muito bom,  
Barriga cheia é melhor  
A molestia é muito ruim  
Porem a morte é peor,  
O poder de Deus é grande  
Porem o matto é maior.

Disse o Cancão ao Alfredo:  
Assim se deve furtar,  
Não é crime nem peccado  
Pois fallei para comprar,  
A negra não quiz vender,  
Deu-me o direito a roubar.

Afinal chegaram ao Rio.  
Quando estavam hospedados,  
Os dois na mesa almoçando,  
Chegaram cinco soldados,  
Um official de policia  
E dous subdelegados.

—Quem é o Cancão de Fogo?

Um daquelles perguntou.

—Sou eu, respondeu Cancão

A's suas ordens estou.

—Pois está preso, disse um,

O Cancão não se alterou.

O official de Justiça

Leu claramente o mandado

Então o Cancão de Fogo

Disse ao subdelegado:

Dê-me licença almoçar,

Que ficarei obrigado.

Toda gente do hotel

Prestava grande attenção,

Tudo parou o talher

Olhando para Cancão.

Até as autoridades

Mostraram admiração.

Quando acabou de almoçar

Pidiu a conta e pagou,

Tirou um conta de reis,

Ao companheiro entregou

Disse aos subdelegados:

Agora, querendo, eu vou.

Então disse ao companheiro:

Você é faça o que poder,

E veja se pode ir



No lugar onde eu estiver,  
E demais até um dia  
Quando o governo quizer.

Foi Cancão á chefatura  
Para ser interrogado,  
Disse o chefe de policia:  
O senhor é viciado.  
Como foi no Cerá  
O roubo do delegado?

O Cancão de Fogo disse:  
Eu lá não roubei ninguem,  
Fui a um mandado delle,  
Elle não deu-me um vintem,  
Eu fiquei com a bengala,  
Que não sou pae de ninguem.

—Que é feito dos cem mil reis  
Lá do subdeleto?

—Vossa excellencia crê nisso?  
Isto é um plano mal formado  
Quem é que dá cem mil reis  
A quem está denunciado?

—E a roupa do alferes,  
Que vossa mercê carregou?  
—Foi para me defender,  
Foi isso quem me salvou,  
Elle para que prendeu-me  
Quando ninguem o mandou?

Disse o chefe de policia:  
O levem para a Marinha,  
O Cancão de Fogo disse:  
Antes isso do que tinha  
A desgraça: ia em viagem  
Quando a fortuna já vinha.

Mas um medico da Marinha  
Estava nessa occasião,  
O recusou por doente  
Da larynge e do pulmão,  
Achou ser uma ijujustiça  
Não se proteger Cancão.

As quarto horas da tarde  
Cancão de Fogo voltou  
Dizendo: bem-dito seja  
O que me denunciou,  
Ha mal que chega por bem  
Como esse agora chegou.

FIM

# Atenção

Acham-se a venda na Livraria Pedro Baptista, alem de variadas qualidades de Romances: Livros de historias para crianças, Secretario Moderno, Secretario Brasileiro, O GRANDE LIVRO DE S. CYPRIANO, A BRUXA EVORA, O Orador do Povo, O livro completo dos sonhos, O CONSELHEIRO DOS AMANTES, O MANUAL DO NAMORADO, Almanach do Pensamento e varios livros dessa mesma Bibliotheca. Grande variedade de livros de poesia, como Poesias Escolhidas, Trovador Moderno e todos os livros de Catullo Cearence, As Primaveras e Espumas Fluctuantes. Todos os Livros Escolares, lousas, crayons, cadernos, cadernetas etc.

Tudo Barato — Tudo Bom

GUARABIRA



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).